

**O HUMOR GRÁFICO E A DEMOCRACIA MULTIRRACIAL: A  
REPRESENTAÇÃO DO PRESIDENTE SUL-AFRICANO JACOB ZUMA NO  
TRAÇO DE ZAPIRO**

**Renata de Paula dos Santos<sup>1</sup>**

**Resumo**

O objetivo deste artigo é analisar a representação chágica de Jacob Zuma, presidente da África do Sul desde 2009. A partir de três charges de Jonathan Shapiro, conhecido pelo pseudônimo de Zapiro, foi desenvolvida uma análise discursiva, complementada pelas pesquisas histórica e bibliográfica. As charges escolhidas tematizam a acusação de estupro sofrida por Zuma em 2006. Apesar de o político ter sido inocentado, o tema é recorrente no universo chágico. Entre os referenciais teóricos destacam-se Romualdo (2000) e Teixeira (2005) na conceituação da charge. A realidade política sul-africana foi embasada em Carlin (2009), Marinovich e Silva (2003) e Magnoli (1998 e 2009). Como resultado destaca-se que as charges de Zapiro são formatos críticos à conduta pessoal e política de Jacob Zuma.

**Palavras-chave:** África do Sul. Democracia multirracial. Discurso chágico. Jacob Zuma. Zapiro.

**Introdução**

A partir de três charges de Jonathan Shapiro, conhecido pelo pseudônimo de Zapiro, o objetivo deste artigo é analisar a representação do atual presidente sul-africano, Jacob Zuma. Os resultados foram obtidos a partir de uma análise discursiva, estabelecida na relação entre texto e imagem, com o intuito de verificar como os argumentos se diferem dos amplamente divulgados pelo discurso oficial. As pesquisas histórica e bibliográfica também foram utilizadas para que os formatos pudessem ser compreendidos e posteriormente analisados. A charge foi tomada nessa pesquisa como um elemento comunicativo de bastante relevância e destaque no meio social, já que se atenta a fatos políticos de grande magnitude.

Jacob Zuma é o terceiro Chefe de Estado negro da África do Sul, apesar de ter um passado de militância, seu governo sofre críticas de figuras importantes no cenário político

---

<sup>1</sup>Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: renatapstos@hotmail.com

local, como o arcebispo emérito da Cidade do Cabo, Desmond Tutu. Um dos fatos que mais marcaram sua trajetória política foi uma acusação de estupro sofrida em 2006.

### **Charge: elemento comunicativo com características políticas**

A charge é um elemento comunicativo de bastante repercussão. Situado, via de regra, nos cadernos de opinião dos grandes jornais, o elemento aborda, em uma perspectiva humorada, os fatos de maior destaque do dia ou da semana. De acordo com Luiz Guilherme Sodré Teixeira (2005) cabe à charge expressar aquilo que o texto escrito não transmite, norteado pelas premissas da objetividade e imparcialidade da notícia.

Rafael Souza Silva no livro *Gêneros Jornalísticos na Folha de S. Paulo* (1992), organizado por José Marques de Melo, comenta que o chargista é um dos profissionais que melhor precisa conhecer e compreender as nuances e características do momento social e político do país, já que a partir desses dados, ele vai proferir - e transferir para o traço - os seus juízos de valor. A charge traz à tona questionamentos muito particulares do artista que a produziu. A partir da junção entre traços e palavras, o chargista materializa a sua interpretação sobre determinado fato. A questão da temporalidade, como destaca o autor, é muito preciosa à charge, já que o formato é essencialmente efêmero.

Rozinaldo Miani ao definir a charge não a desvincula do humor, ou seja, para o autor o formato é “[...] uma representação humorística de caráter eminentemente político que satiriza um fato ou indivíduo específicos; ela é a revelação e a defesa de uma idéia, portanto de natureza dissertativa, traduzida a partir dos recursos e da técnica da ilustração” (MIANI, 2005, p.23).

A charge só é compreendida pelo público porque faz uso de símbolos, fatos e comportamentos coletivos. Por meio de correlações paradigmáticas e sintagmáticas, o leitor compreende o argumento construído pelo artista, estabelece comparações mentais e identifica os fatos e personagens representados.

### **O discurso chárstico e a transgressão por meio do humor**

O questionamento da ordem social, por meio do humor, é uma característica frequente no texto chárstico a partir das piadas ambíguas, das caricaturas e dos traços hiperbólicos. Nesse contexto, a classificação dos tipos de riso apontada pelo estruturalista russo Vladímir Propp (1992) é de suma importância. Ao todo são apontados seis principais: *de zombaria*,

*bom, mau/cínico, alegre, ritual e imoderado*. No entanto, em razão da especificidade deste trabalho, a atenção será dedicada apenas ao primeiro tipo. Como o próprio nome já afirma, o *riso de zombaria* traz em si a matriz da zombaria e do deboche.

Propp é enfático ao destacar que na arte o homem é retratado em aspectos de zombaria que podem ser estendidos também à vida. E cabe ao artista descobrir quais nuances devem ser acionadas para alcançar o riso. Para o autor, a comicidade é o resultado de uma correlação entre a natureza física e espiritual. Dessa forma, “ela [a comicidade] se encontra numa correlação das duas, onde a natureza física põe a nu os defeitos da natureza espiritual” (PROPP, 1992, p.46). Ao comentar este conceito, Edson Carlos Romualdo (2000) destaca que o riso de zombaria é provocado pelos defeitos da personagem ou da situação da qual se ri.

Já Mikhail Bakhtin discute a questão da carnavalização. Quando o autor toma a noção de carnaval em seus estudos, ele se refere, pontualmente, às origens da festa. Ou seja, discursa sobre a Antiguidade, a Idade Média e a Renascença. (ROMUALDO, 2000).

O carnaval é narrado em Bakhtin como uma festa em que não há divisão entre atores e espectadores. O carnaval não é, portanto, uma festa que deve ser observada, mas vivida. “Essa vida carnavalesca é uma vida diferente da cotidiana, pois ela desvia a ordem habitual, transformando-se em uma ‘vida às avessas’, ‘num mundo invertido’” (ROMUALDO, 2000, p.51).

O carnaval caracteriza-se pela presença de figuras distanciadas do referencial do belo, como o gigante (com o seu corpo grotesco). As imagens carnavalescas destacam-se por sua apresentação inacabada e excepcionalidade. Robert Stam (1992) no livro *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa* descreve o carnaval como uma festa simbólica reconhecida pelo questionamento lúdico das normas.

Para Romualdo as características trabalhadas pelo teórico russo estão inseridas no universo chágico.

Pela paródia das ações políticas, pela caricatura, pelo ridículo e pelo próprio riso, o texto chágico destrona os poderosos e apresenta outras perspectivas para a leitura de suas ações. As charges não se tornam monoplaneares, pois elas não têm a intenção de promover uma única leitura, não abafam as várias visões em uma única. Sua força está justamente na ambivalência, na pluralidade de visões que apresentam para o leitor (ROMUALDO, 2000, p.53)

Outra referência ao humor que é de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa é Umberto Eco (1989). Para o semiótico, o humor é um mecanismo de transgressão à ordem social, capaz de colocá-la à prova e de minar a lei.

### ***Apartheid*: O contexto histórico sul-africano**

Entre os anos de 1948 e 1994, a África do Sul foi governada por um sistema altamente específico, baseado na segregação racial, denominado *apartheid*, termo que significa separação em *zulu*. Composto por uma legislação própria, inspirada nos ideais nazistas de pureza e supremacia racial, o sistema consistia na dominação branca sobre os negros, mestiços e asiáticos.

Demétrio Magnoli (1998) ressalta que o objetivo do Estado branco era fragmentar a população negra em territórios, conhecidos como *homelands* ou bantustões. Dessa forma, os negros só poderiam adentrar a região branca com o porte de um documento de identificação (*Lei da Circulação de Nativos, de 1952*). Com a fragmentação territorial e a divisão geográfica, o contato entre brancos e negros foi cerceado.

Nas décadas de 1960 e 1970, a economia da África do Sul alcançou o seu maior desenvolvimento. As sucessivas altas do Produto Interno Bruto (PIB) foram responsáveis pelo estabelecimento de um intenso processo de desigualdade social no país, motivado pelos princípios raciais. Segundo John Carlin (2009) a distribuição desigual da renda transformou o país branco e o país negro em realidades muito distintas.

A partir de 1980, as manifestações internas e os boicotes econômicos externos foram responsáveis pelo enfraquecimento do regime segregacionista. Devido à crise, o Governo foi obrigado a alterar a legislação em benefício da população não branca e a iniciar um processo de negociação com Nelson Mandela, que culminou na libertação do líder negro em fevereiro de 1990.

Entre 1990 e 1994, o principal partido de oposição, o Congresso Nacional Africano (CNA), sob liderança de Mandela, iniciou o processo de transição para a democracia multirracial. No entanto, este período foi marcado por extrema violência e instabilidade social. As guerrilhas internas eram apoiadas pelo Estado branco com o intuito de enfraquecer a oposição. Em 1994, Nelson Mandela tornou-se o primeiro presidente da África do Sul eleito em um pleito multirracial, além de ser o primeiro negro a assumir o cargo. (MARINOVICH; SILVA, 2003).

### ***Apartheid* e a desnacionalização dos outros**

Demétrio Magnoli (1998) descreve que o *apartheid* contou com uma estrutura política interessada em subordinar os negros, mestiços e asiáticos aos brancos. Entre as ferramentas mais fortes dessa medida, estava o processo de desnacionalização destas populações. A exigência do passaporte, por meio da *Lei da Circulação de Nativos* identificava formalmente que apenas os brancos eram sul-africanos.

No livro, *Uma gota de sangue: história do pensamento racial*, Magnoli (2009) aponta o CNA como um dos grupos sociais que lutavam em defesa da cidadania e dos direitos dos negros na África do Sul. O objetivo era resistir à legislação segregacionista e reivindicar que o país fosse de todos aqueles que o habitavam, independente da cor da pele. “Inspirado no paradigma da igualdade, o programa [do CNA] definia a cidadania com referência no território, não na raça ou etnia. O ‘povo’ da África do Sul eram ‘negros e brancos juntos iguais, compatriotas e irmãos’.” (MAGNOLI, 2009, p. 77).

A segregação foi um fenômeno político e econômico que comprometeu toda a estrutura social do país. A divisão em grupos cada vez menores foi o estopim para a intolerância. Em Marinovich e Silva (2003) é possível compreender a violência e os assassinatos como ocorrências frequentes no país. Diante deste caos social, a questão da identidade tornou-se um fator estimulante de vários conflitos. O *apartheid* comprometeu a possibilidade de convívio entre os diferentes.

### **Identidade e estereótipos: o racismo na África do Sul**

A identidade, segundo Kathryn Woodward (2009), é relacional e marcada pela diferença. Dois processos distintos integram essa discussão: o *social* e o *simbólico*. Por meio da marcação simbólica, as práticas e as relações sociais ganham sentido. É desta forma que determina-se quem pertence ou não a um grupo (incluídos e excluídos). E é por meio da diferenciação social que as separações são experienciadas.

A autora destaca que a afirmação das identidades nacionais passa por um processo histórico específico. Um dos recursos comumente usados para este estabelecimento é a busca de legitimação nos antecedentes históricos. As memórias de lutas, conquistas e batalhas épicas vêm à tona para a instauração deste processo.

Recorrendo à história sul-africana em busca destas identidades, um fato de grande destaque é a escravidão. Entre os anos de 1648 e 1833, holandeses e ingleses dividiram o território e escravizaram os negros. A escravidão, enquanto processo histórico, destaca-se pela relação de posse dos negros pelos brancos. O negro não era o sujeito da sua história, mas um objeto nas mãos do senhor. No entanto, a relação entre senhor e escravo não é a única hipótese provável quando se percebe o antagonismo entre identidade negra e identidade sul-africana. A própria inspiração nos princípios nazistas é um meio para destacar os brancos (preceitos de raça pura e superior) do restante da população do país.

Ao analisar o contexto sul-africano, não podemos deixar de lado que a identidade também está vinculada às condições sociais e materiais. Ou seja, os grupos simbolicamente apontados como inimigos irão sofrer os efeitos reais desta classificação, já que serão excluídos e terão dificuldades materiais. (WOODWARD, 2009). Na história da África do Sul, a segregação se apresentava diariamente por meio de leis que interferiam na vida das pessoas. Entre os exemplos mais referenciais desta apartação destacam-se *Lei de Proibição de Casamentos Mistos* (1949), *Lei de Educação Negra* (1953), *Lei de Serviços Públicos Separados* (1953) e *Lei da Imoralidade* (1957), que tornava crime relações sexuais entre pessoas racialmente distintas. Percebemos, desta forma, o interesse em incutir na população não branca outra identidade nacional, que não a sul-africana, ainda que esta fosse inventada. O *apartheid* foi um meio jurídico para destacar os brancos do restante da população do país. Desta forma, o interesse era naturalizar a ideia de que ser negro, mestiço ou asiático era o oposto de ser sul-africano.

A segregação na África do Sul foi um sistema baseado em três pilares contrários ao ideal de modernidade: racismo, preconceito e etnocentrismo. Em Mazzara (1998), o preconceito é tido como a tendência a considerar, de maneira desfavorável e sem justificativas, pessoas que integram um determinado grupo social. O preconceito está ligado com outra forma de classificação social que também pode ter efeitos prejudiciais: os estereótipos.

Os estereótipos são compreensões que se difundem e se tornam naturalizadas no seio social. Mazzara (1998) esclarece ainda que eles são reproduzidos e que as informações que os contradizem, os desmentem, são ignoradas e neutralizadas. O referido autor pontua que nesta discussão sobre preconceito e estereótipos, a cor da pele é um fator que agrega informação.

Em determinadas situações, se o personagem narrado é de um grupo racialmente discriminado, o assunto ganha mais destaque pela cor da sua pele. Costuma-se, pela cor da pele, justificar e generalizar ações que dizem respeito a um indivíduo específico a todo o grupo.

Ella Shohat e Robert Stam (2006) apontam que os estereótipos de determinados grupos sociais soam como afirmações indesejadas, mas essas ideias são combatidas e superadas no interior do próprio grupo. Mas, em contrapartida, nos grupos socialmente discriminados – e esta exemplificação se encaixa bem na história da África do Sul – estas ideias preconceituosas e distorcidas integram as políticas sociais e podem gerar práticas de violência. Já o racismo – terceiro pilar do *apartheid* - é descrito por Shohat e Stam (2006), como um duplo movimento de agressão. Onde o opressor, em um movimento de violência e narcisismo, realça sua existência e diminui a do outro.

### **Jonathan Shapiro**

Jonathan Shapiro ou simplesmente Zapiro tem seu trabalho reconhecido quando o assunto é reivindicações políticas. No final da década de 1980, começou a trabalhar no jornal *South*. Após estudar Artes Visuais em Nova Iorque, Zapiro regressou à África do Sul em 1991 e se dedicou a quadrinhos educacionais voltados à prevenção aos abusos sexuais infantis, à disseminação da AIDS e à democracia.

No entanto, seus problemas políticos são ainda mais atuais. O chargista tem se destacado como um dos principais críticos do sistema político sul-africano pós-*apartheid*, com destaque ao atual presidente do país, Jacob Zuma. Seu trabalho com a charge ganhou intensidade nos mandatos do sucessor de Nelson Mandela, Thabo Mbeki (1999 – 2008). O crescimento dos desenhos foi uma resposta ao processo de corrupção que, na análise do artista, estava fora do controle.

### **Quem é Jacob Zuma?**

Eleito em 2009, Jacob Zuma é um ex-militante anti*apartheid* e membro do CNA. Apesar de sua luta histórica pelo fim do regime de segregação, ele não é uma figura unânime entre as lideranças políticas e sociais do país. As desconfianças contra Zuma estão fundamentadas em seu envolvimento frequente em questões policiais. Além das acusações de

corrupção, o líder *zulu* foi réu em um julgamento por estupro e também é acusado de mandar matar um suposto amante de uma das suas seis esposas.

No campo político, foi no governo Zuma que o país entrou no BRICS<sup>2</sup> e tem se firmado como uma potência emergente. Outro fator que trouxe bastante visibilidade para o seu mandato foi a realização da Copa do Mundo da Fifa de 2010. Na esfera social, Zuma é acusado de tomar medidas arbitrárias e de não investir nas demandas dos mais pobres. Como atual presidente da África do Sul, Zuma é o principal candidato para as próximas eleições que devem ocorrer no primeiro semestre de 2014.

### **Análise Chárgica – Perspectivas no traço de Jacob Zuma**

Para analisar a representação chárgica do presidente Jacob Zuma foram escolhidas três charges de Zapiro que tematizam a acusação de estupro, da qual ele foi réu em 2006. Os métodos empregados na pesquisa foram a análise do discurso chárgico, a pesquisa histórica e a pesquisa bibliográfica.

A figura 1, *The Rape of Justice*<sup>3</sup>, foi publicada em setembro de 2008 no *Sunday Times*. A charge foi classificada como agressiva pelo CNA e por Jacob Zuma e motivou a abertura de um processo contra Zapiro no valor de 15 mil rands (aproximadamente R\$3.400). A batalha judicial se arrastou por quatro anos, até que o Chefe de Estado optou por retirar a queixa.



Figura 1: The Rape of Justice, Zapiro, Africartoons

<sup>2</sup> Mecanismo de articulação econômica entre Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

<sup>3</sup> A violação da Justiça

Em 2006, o então candidato à presidência da República foi acusado de estuprar a filha de um amigo, que é portadora do vírus da AIDS. O líder negro, que foi inocentado do crime no mesmo ano, se defendeu dizendo que a mulher utilizava roupas que o provocavam e que ele, como um viril homem *zulu*, cumpriu o seu papel. Quando indagado sobre o crime que havia cometido, ele afirmou que a relação foi consensual, mas que ele não usou preservativo porque uma ducha posterior ao ato sexual foi o suficiente para protegê-lo da contaminação. A jovem definiu o fato como um *estupro terrível*.

De acordo com o próprio chargista, o argumento do desenho (Figura 1) é o poder que Zuma tem sobre a justiça. Ele foi inocentado de uma série de denúncias, o que garantiu sua candidatura à presidência. A charge foi classificada como genial pela imprensa sul-africana e após esse argumento, outros foram construídos com a ideia de violação da justiça. Em *The Rape of Justice*, o sistema judiciário é humanizado, já que está representado como uma mulher.

Ainda que o político esteja representado de lado, é possível perceber um leve sorriso (satisfação) em sua face. O ato de abrir a calça é o que sugere a violência sexual, pois a mulher aparece imobilizada por vários homens. E são estes personagens, representantes políticos<sup>4</sup> de destaque no país, que estendem a crítica ao sistema. A frase: *Go for it, boss* alude à convivência com o crime.

Mesmo com o passar do tempo, a acusação de estupro é um tema que ainda permeia a imprensa sul-africana. A figura 2 – *No harm done*<sup>5</sup> – foi publicada em janeiro de 2009 no jornal *Mail & Guardian*. Utilizando os mesmos personagens da imagem anterior (Figura 1), o chargista deixa clara sua inconformidade com o processo político sul-africano. Poucos meses após a acusação de estupro – tendo em vista que a África do Sul é o país com maior índice de violência sexual no mundo – a candidatura de Zuma caminhava à vitória.

---

<sup>4</sup> Julius Malema, líder destituído da Liga Jovem do CNA; Gwede Mantashe, secretário-geral do CNA; Blade Nzimande, secretário-geral do Partido Comunista (SACP) e Zwelinzima Vavi, secretário-geral da Federação dos Sindicatos da África do Sul (Cosatu).

<sup>5</sup> Nenhum dano feito.

O argumento foi lançado por Zapiro cerca de três meses antes da realização do pleito eleitoral que, de fato, elegeu Zuma. No entanto, os diferenciais desta charge são o chute que a mulher (representante da justiça) lança sobre a representação do líder negro e a caracterização exausta e com ferimentos das lideranças políticas dispostas ao fundo do quadro, o que transmite a ideia de que eles foram agredidos anteriormente. Com o passar do tempo, considera-se que os golpes representaram apenas uma mancha na imagem de Jacob Zuma e de seus aliados, mas que os seus planos de assumir o executivo se concretizaram.



Figura 2: No harm done, Zapiro, Africartoons

A figura 3 - *Zuma withdraws his charges against Zapiro*<sup>6</sup> – é de outubro de 2012, com veiculação no *Sunday Times*. A charge é uma sátira a desistência de Zuma em prosseguir com o processo contra o chargista. No entanto, com a veiculação deste próprio argumento, Zapiro deixa claro que vai continuar com suas críticas aos atos públicos e pessoais do chefe de estado. Essa ideia é reforçada pela utilização do mesmo paradigma da figura 1: Zuma está impossibilitado de se levantar. Mas quem impede o presidente de sair do chão é o chargista, com uma representação da imagem que motivou o processo (Figura 1), e a própria justiça (mulher humanizada).

<sup>6</sup> Zuma retira suas acusações contra Zapiro



Figura 3: Zuma withdraws his charges against Zapiro , Zapiro, Africartoons

### Considerações finais

Por meio deste artigo percebe-se como a charge, enquanto um formato comunicativo que informa e opina, tece críticas ácidas a fatos de grande relevância. Acredita-se que o argumento chárstico, por agregar texto e imagem, consiga ser mais incisivo e direto que os outros textos jornalísticos. A charge não traz em si a busca pela objetividade jornalística, talvez essa condição seja facilitada pelo uso das caricaturas e também das piadas.

De acordo com Umberto Eco (1989), acredita-se que o humor, recurso presente na charge, tenha a função de transgredir a ordem social e minar a lei. Nas figuras 1, 2 e 3, o presidente Jacob Zuma é representado em situações constrangedoras e que indicam crimes. Dificilmente em textos jornalísticos, ainda que em colunas políticas, as críticas teriam assumido tais dimensões. O trabalho de Zapiro provoca aquilo que Propp (1992) descreve como o riso de zombaria, estabelecido na matriz do deboche.

Avalia-se com o resultado desta análise que a representação do presidente Jacob Zuma, a partir do traço de Zapiro, é altamente negativa. No ponto de vista social, a acusação de estupro é frequentemente retomada. Já na esfera política, o chargista destaca e critica as manobras realizadas para que o líder negro pudesse assumir a Presidência. Desconfia-se que para Zapiro, como um cidadão sul-africano, Zuma não seja a pessoa mais indicada para conduzir o país.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

CARLIN, John. **Conquistando o Inimigo: Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

ECO, Umberto. Los marcos de la libertad cómica. In: ECO, Umberto; IVANOV, V.V.; RECTOR, Monica. **Carnaval**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

FULLER, Alexandra. Os filhos de Mandela. **National Geographic Brasil**. São Paulo, n 123, p.52-81, junho 2010.

L'HOESTE, Héctor Fernandez. De esteriótipos vizinhos: Memín Pinguín como uma oportunidade perdida. In: Lustosa, Isabel (Org). **Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

LUZ, Natália da. **“Zuma quis me processar”, diz cartunista crítico do próximo presidente sul-africano**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1098104-5602,00-ZUMA+QUIS+ME+PROCESSAR+DIZ+CARTUNISTA+CRITICO+DO+PROXIMO+PRESIDENTE+SULAFRI.html>>. Acesso em 10 nov. de 2012.

MAGNOLI, Demétrio. **África do Sul: capitalismo e apartheid**. São Paulo: Contexto, 1998.

\_\_\_\_\_. **Uma gota de sangue: história do pensamento racial**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARINOVICH, Greg; SILVA, João. **O Clube do Banguê-Banguê: instantâneos de uma guerra oculta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MAZZARA, Bruno. **Esteriotipos y prejuicios**. Madri: Acento Editorial, 2009.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SILVA, Rafael Souza. Caricatura. In: MELO, José Marques de. **Gêneros Jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.